EROTISMO, POESIA E ENSINO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

EROTICISM, POETRY AND TEACHING: A POSSIBLE RELATIONSHIP

Maria do Socorro Pinheiro*

Resumo: Este artigo discute a relação entre poesia e erotismo no âmbito da linguagem e analisa as possibilidades de trabalhar essa temática em sala de aula. Para isso, discutiremos a poesia na sua relação com a educação, vendo as possíveis práticas metodológicas que possam ser utilizadas em sala de aula. A base textual utilizada será a poesia erótica de Gilka Machado (1991), Aíla Sampaio (2012), Elisa Lucinda (2016) e Luiza Romão (2017). Manteremos diálogo com Antonio Candido (2002, 2011), Hélder Pinheiro (2007, 2014), que destacam a importância da poesia e seu lugar na sala de aula, e dialogamos ainda com Bataille (2013), Octavio Paz (1994), Soares (1999), entre outros, sobre a temática erótica.
Palavras-chave: Erotismo. Poesia. Ensino. Autoria feminina.

Abstract: This article discusses the relationship between poetry and eroticism in the context of language and analyzes the possibilities of developing this issue in classroom. For this, we will discuss poetry in its relation with education, looking at the possible methodological practices that can be used in classroom. The literarture used will be the erotic poetry by Gilka Machado (1991), Aila Sampaio (2012), Elisa Lucinda (2016) and Luiza Romão (2017). We will keep a dialogue with Antonio Candido (2002, 2011), Hélder Pinheiro (2007, 2014), who highlight the importance of poetry and its place in classroom. We will also resort to Bataille (2013), Octavio Paz (1994), Soares (1999), among others, who discuss the erotic theme.
Key Words: Eroticism. Poetry. Teaching. Female writers

1. Introdução:

Aparentemente o que vamos propor pode parecer estranho para uma sociedade ainda fortemente marcada pelos falsos moralismos, advindos do pensamento patriarcal, que ainda perdura em nosso meio. No entanto, não hesitamos em afirmar que consideramos importante a leitura de poesia erótica feminina em sala de aula, porque, além de dar liberdade e visibilidade ao sujeito feminino, também é instrumento de formação do leitor. Justificamos essa proposta centrada em questões estéticas, na relevância da temática erótica como forma de atrair o leitor para o universo da leitura e ainda na urgência de uma reforma do ensino de literatura, já tão solicitada e conclamada pela categoria docente.

Edgar Morin (2014, p. 16), filósofo francês, chama atenção de nós professores para a reforma do ensino, de um modo geral, e destaca que são muitos os desafios na educação, relacionados à inadequação dos saberes.

> Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida e não atrofiada**.**

*Pós-Doutoranda em Linguagem e Ensino-PPGLE - UFCG. Doutora em Literatura e Interculturalidade-UEPB. Professora da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu- FECLI/Universidade Estadual do Ceará-UECE. Membro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação, Linguística e Letras- GPEL, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia- IFCE. socorropinheiro2@hotmail.com

Como podemos pensar essa reforma? Para o pensador francês, antes precisamos reformular o pensamento, o que nos daria condições de enfrentar os desafios e de perceber nossas carências e frustrações vividas em sociedade, e muitas vezes, provenientes de uma formação fragmentada, para depois reformular o ensino. Afirma ainda Morin (2014, p. 20), "trata-se de uma reforma não programática, mas paradigmática, concernente a nossa aptidão para organizar o conhecimento". A reforma do ensino passa por mudanças sociais e políticas, que exigem atitudes desafiadoras e um tipo de inteligência que precisa ser reformada (MORIN, 2014). Mudar os paradigmas do atual cenário educacional não nos parece uma tarefa fácil, mas se nós nos permitirmos outra forma de organizar nosso pensamento, teremos condições de discutir e enfrentar as carências do ensino brasileiro.

Temos percebido como docente alguns problemas cruciais no ensino de literatura que diretamente afetam o aluno. Entre eles destacamos a pouca presença da poesia na sala de aula, da autoria feminina e de algumas temáticas consideradas importantes no processo formativo do leitor literário. Diante disso, propomos neste artigo o estudo da lírica feminina de quatro poetisas, que cultivam a temática erótica: Gilka Machado (1991), poetisa carioca, precursora do erotismo feminino no Brasil; Aíla Sampaio (2012), professora e poetisa cearense; Elisa Lucinda (2016), poetisa e atriz de Vitória/ES e Luiza Romão (2017), poetisa e atriz de Ribeirão Preto. Elas nos chamam a atenção pela temática e pela imaginação criadora, despertando-nos indagações sobre a poesia e a vida. O objetivo desse estudo é discutir a inserção da poesia erótica feminina no ensino médio para atividades de leitura e construção do sentido do texto poético.

Durante a tessitura desse texto duas questões foram nos acompanhando: o lugar da poesia de autoria feminina na escola e a presença da temática erótica como instrumento de formação do leitor. Nossas reflexões mantêm um diálogo com as ideias de Antonio Candido (2002, 2011) e Hélder Pinheiro (2007, 2014), que destacam a importância da poesia e seu lugar na sala de aula, e dialogamos ainda com Bataille (2013), Octavio Paz (1994), Soares (1999), Morin (2014, 2015), entre outros. Dividimos o texto em três partes: poesia e mulher, poesia e erotismo, poesia e ensino, para melhor discutir a possível relação entre essas categorias.

2. Poesia e Mulher

Quando pensamos em reforma do ensino de literatura, logo nos lembramos das muitas poetisas que deveriam estar sendo lidas em sala de aula e que não estão. Apesar do surgimento da mulher no cenário literário e dos muitos estudos atualmente feitos sobre suas produções, desencadeando discussões de ordem cultural, filosófica, social e política, percebemos que essa evolução ainda não alcança todas as mulheres que escrevem. Há em muitos lugares do Brasil autoras que continuam no anonimato (para a maior parte do público leitor), outras que apesar de ter suas obras publicadas, de ter seus nomes em algumas antologias e em dicionários, ainda estão longe dos olhos do leitor. Nos livros didáticos aparecem comumente os nomes daquelas que já são consagradas pelo cânone. E as outras autoras que não tiveram oportunidades de mostrar suas produções? Como ler seus textos? Há um desafio permanente da mulher em divulgar suas produções. Com o advento da internet, elas têm conseguido publicar em sites, blogs, vídeos; fazer recitais e saraus; escrever em revistas, jornais e livros. Por esses meios, vamos lendo seus textos e conhecendo suas histórias.

Diante das privações em que viviam, muitas mulheres se inquietaram e criaram outras estruturas edificadas pela consciência crítica e formadora de si mesmas. Elas estão

CC BY

escrevendo seus textos e para que tenham maior alcance se erguem, coletivamente, ao modo do que ocorrera com o *Mulherio das Letras*, evento criado em 2017, que reuniu mulheres ligadas à literatura, para demarcar espaço na sociedade e viabilizar a difusão de suas produções. Essa realidade nos mostra a ruptura de uma tradição de apagamento e instaura o início de uma nova era, de uma nova história. Apesar do número crescente de mulheres que escrevem, a produção literária feminina ainda não se encontra muito bem alocada na escola.

Para enfrentar tantas adversidades, a mulher alterou os papéis sociais, provocou a sociedade, mantendo um extremado embate, que perdura até hoje, e rapidamente os dispositivos de poder e controle foram acionados. Foucault (1988, p. 153) nos adverte que "o dispositivo de sexualidade será um deles, e dos mais importantes". Bem sabemos que toda a luta da mulher, seja na vida privada ou pública, tem como elemento desencadeador seu sexo. E o preço por romper com as disciplinas e regulamentações tem sido alto e está relacionado a sua própria vida. Os impactos podem ser vistos, sobretudo, na sua forma de conciliar as distintas tarefas no campo profissional e no da maternidade.

Um desafio suplantado foi o espaço do lar, seu principal expediente, sempre muito restrito e enfadonho, construído por interdições e dirigido por regras. Do privado para o público o percurso foi longo e belicoso. Não foi fácil para a mulher se libertar das atitudes tirânicas e assumir uma identidade de sujeito desejante, conquistada hodiernamente. Sua trajetória teve uma postura transgressiva e de ligação com a morte, haja vista que muitas tiveram que matar o "anjo do lar" que impuseram nelas. Só assim Eros nasceria e elas passariam a experimentar o poder criativo. Seu corpo subjugado e vivendo à espreita de um colapso serviu de estímulos suficientes para buscar outros modos de vida. E um desses foi encontrado na literatura.

Para exemplificar, rapidamente, a dificuldade de muitas mulheres não somente em adentrar, mas também em permanecer em um terreno pouco afeito ao universo feminino, registramos aqui alguns nomes de escritoras como a poetisa grega Safo de Lesbos (630-580 a.C.), que teve a maior parte de sua obra queimada durante o período medieval; como também ocorreu com os primeiros manuscritos de Miss Burney (1752-1840), romancista inglesa, por ordens da madrasta, e como castigo foi obrigada a fazer bordados. Apreendidos e depois queimados os exemplares do livro *Decadência* da escritora portuguesa Judith Teixeira (1880-1959), pelo conteúdo imoral, por ordem do Governo Civil de Lisboa. Outras como Jane Austen (1775-1817), que escondia seus textos embaixo de um livro, quando percebia a presença de alguém na sala. E ainda como Charlotte Brontë (1816-1855), que interrompia o trabalho para fazer atividades domésticas. Outras tantas escritoras foram acusadas de imorais, como a romancista britânica George Eliot (1819-1880), pseudônimo de Mary Ann Evans. Como a poetisa brasileira Gilka Machado (1893-1980), acusada de "matrona imoral". Cassandra Rios (1932-2002), pseudônimo de Odete Rios, romancista brasileira, que teve sua obra censurada durante a ditadura militar. Muitos outros nomes poderíamos citar sobre situações de opressão vivenciadas ao longo do tempo.

A mulher cansou de viver no "mundo-limite", na permissão para isto ou aquilo, no silêncio da ordem, enclausurada nos desejos, e decidiu viver outras histórias, "feitas de sensações extraordinárias" (MACHADO, 1991, p. 98). Suas outras histórias são reais e fictícias. Na literatura, elas se permitem viver diferentes realidades, expressar seus desejos, suas indignações, seus sonhos e lutas, como veremos nos versos das poetisas escolhidas para esse estudo: Gilka Machado, Aíla Sampaio, Elisa Lucinda e Luiza Sampaio. Mais adiante, mostraremos alguns de seus poemas.

CC BY

3. Poesia e Erotismo

Como nos propomos nesse artigo a escrever sobre a poesia erótica, inicialmente queremos deixar claro que o sentido que nós utilizamos para o erotismo se encontra em Bataille (2013, p. 35), visto como experiência da vida interior do homem, uma busca psicológica, "do erotismo é possível dizer que ele é aprovação da vida até na morte". O erótico faz parte da vida humana, é um estado do ser, uma energia que habita em nós, uma busca por aquilo que nos falta e, portanto, movimenta continuamente a existência. Afirma Paz (1994, p. 16) que "antes de tudo o erotismo é exclusivamente humano: é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens". Somos seres eróticos em permanente estado de busca e de fusão. O erotismo é um elemento fundante da dimensão humana (cf. MORAES, 2015). É algo que nos pertence, nos impulsiona para as tentativas, para a violação, para o mergulho no objeto desejado. "Sem o múltiplo, sem o possível, sem a sedução, sem o extravasamento, não pode haver erotismo", afirma Alberoni (1986, p. 110).

O erotismo não está relacionado apenas à atividade sexual. Segundo Paz (1994, p.14), "o ato erótico se desprende do ato sexual: é sexo e é outra coisa". Essa outra coisa é o desejo que habita o ser do homem, que desperta sua criatividade para as diferentes atividades da vida. E uma dessas atividades intimamente relacionadas com o erotismo é a poesia. Soares (1999, p. 38) escreve que "o fazer literário é uma experiência erotizada". O ato poético e o erótico estão interligados e conduzidos pela imaginação e pelos sentidos. Paz (1994, p. 12) chama a imaginação de agente que move os dois atos e a relação entre ambos ocorre no nível da linguagem e da imaginação. Essa relação mostra claramente que sem fantasia não há atividade erótica e nem poesia.

Que linguagem constitui a erótica literária? De acordo com Moraes (2015, p. 27), "o erotismo literário é, antes de tudo, um modo de pensar. Um modo de pensar por meio das palavras, implicando uma operação específica da linguagem". Observamos que a erótica literária se constitui de uma escrita que põe o desejo em ação. O sexo aparece não somente como sexo, mas como realização erótica, desejo de unidade e ainda como lugar simbólico, como nos versos: "Tem teu mórbido olhar/ penetrações supremas / e sinto, por senti-lo, tal prazer, / há nos meus poros tal palpitação, / que me vem a ilusão / de que se vai abrir / todo meu corpo em poemas" (MACHADO, 1991, p. 360). Na camada do significante estão as palavras *olhar, penetrações, prazer, poros, palpitações, corpo,* que se ligam ao campo semântico do erotismo, envolvendo fantasia, "que me vem a ilusão", como simbolização de um ato de extremo prazer do corpo e do espírito. "Trata-se de uma escrita que se singulariza por fazer de Eros seu operador fundamental, elegendo-o como mediador exclusivo de seus jogos entre forma e fundo", define Moraes (2015, p. 27).

O erotismo nasce do interdito e se realiza na transgressão. Uma força *dociamarga*, como chamou Safo, se forma para violar os interditos. Esse estado de impetuosa força se encontra também na poesia. O erotismo remete ao pensamento platônico, quando Sócrates afirma que ouviu de Diotima, sacerdotisa de Mantinéia, em O Banquete (380 a.c), que Eros não era um deus, mas um ser intermediário, um *daímon*, cuja missão era a procriação na beleza. Rocha (2011, p. 88) assim resume o pensamento de Diotima: "o objetivo de Eros é a procriação na Beleza, tanto a corporal quanto a espiritual. Fundamentalmente, Eros é desejo de imortalidade". Também Marcuse (1975, p. 193) afirma que Eros luta por eternizar-se. Eros se eterniza como procriador, como aquele que impulsiona a criatividade, "a criação desses homens a quem chamamos poetas e a daqueles outros aos quais denominamos inventores" (PLATÃO, 1956, p. 166).

CC BY

A atividade erótica se move entre campos amplos cujos sentidos são distintos, como a continuidade e a descontinuidade, o interdito e a transgressão, a beleza e a violência, o sagrado e o profano, a vida e a morte. São campos que precisam de encontro. De um, o rompimento, do outro, a realização. O erotismo é fusão dessas partes que aspiram unidade, integração, forças que se interseccionam para alcançar a completude do ser. A energia erótica é força criativa, que desperta as fantasias e os desejos. A poesia se alimenta muito bem desse estado de fusão, que promana de Eros. Analisa Paz (1994, p. 12) que "a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo". O ato erótico e poético se envolve em mistério, tece relações com o sagrado e causa arrebatamento. Paz (1994, p. 14) ainda observa: "poesia e erotismo nascem dos sentidos, mas não terminam neles. Ao se soltarem, inventam configurações imaginárias – poemas e cerimônias". Eros desencadeia o ato criativo e a imaginação se mantem como agente na relação de contiguidade entre erotismo e poesia, "que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal" (PAZ, 1994, p. 12).

A poesia como erótica verbal se manifesta como ato de transgressão, de liberdade, de alforria do pensamento comum, de provocação e desordem. Uma experiência que mexe com nosso interior, nos causando prazer, inquietação, arrebatamento. Seu aspecto revolucionário consiste nas diferentes temáticas apresentadas, entre elas, a erótica. A poesia comunica algo novo, que se difere de qualquer outra forma de conhecimento. De acordo com Eliot (1991, p. 29), "há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade".

Há na poesia uma densidade formadora e "a temática erótica uma forte densidade literária" (SOARES, 1999, p. 35), que nos conduzem para nossa humanidade. Ressaltamos que as questões levantadas nesse tipo de poesia não são apenas estéticas, mas também filosóficas, psicológicas, antropológicas, culturais e sociais. A poesia erótica diz algo de nossa humanidade, pois habita o campo da sexualidade, que é um ponto importante entre homens e mulheres, pais e filhos, professores e alunos. A poesia tem no erotismo uma aproximação de nossa natureza primitiva, de reconciliação com o corpo, de conhecimento das pulsões e dos apelos da carne. Ela nos resgata dos totalitarismos, dos pensamentos dogmáticos, das incongruências abissais da nossa existência. Diante do exposto, é importante que a leitura de poesia erótica seja inserida em sala de aula, para que o leitor sinta no modo poético o que ele vive no cotidiano, suas carências afetivas e seus sentimentos mais diversos.

4. Poesia e Ensino

A relação entre a poesia e a escola deve ser de encontro permanente e não apenas ocasional. A escola não se deu conta de que precisa criar um programa de ensino que inclua a poesia, visando ao desenvolvimento de um pensamento humano sólido e reflexivo via textos literários. A falta de leitura de poesia na escola mostra uma formação embrutecida e desgarrada de determinados conteúdos que seriam indispensáveis para o crescimento do aluno. Esse quadro nos faz ver que o sistema de ensino precisa ser melhorado, novas estratégias criadas, cujo principal foco seja o desenvolvimento humano. Para isso, é necessário investir em atividades de leitura literária, viabilizando uma rotina que dinamize a capacidade do leitor para diferentes textos.

CC BY

A poesia ainda está fora dessa rotina, "não existe para a burguesia e nem para as massas contemporâneas" (PAZ, 2009, p. 85), porque não é empreendimento lucrativo. A escola, que deveria ser o espaço privilegiado da poesia, não consegue perceber sua importância e continua a manter um ensino que geralmente não educa. Essa realidade de deformação se fortalece a cada dia, pois a escola (pública ou privada) não dispõe em sua plataforma de um sistema educacional que inclua a poesia como um elemento fundante, como um saber que revela a condição humana e que, portanto, carece urgentemente de ser lida na escola. Afirma ainda Paz (2009, p. 85) sobre a falta de interesse pela poesia:

> a circulação comercial é a forma mais ativa e total de intercâmbio que a nossa sociedade conhece e a única que produz valor. Como a poesia não é algo que possa ingressar no intercâmbio de bens mercantis, não é realmente um valor. E se não é um valor, não tem existência real dentro do nosso mundo (PAZ, 2009, p. 85).

A escola mais parece um lugar de confinamento, cujos experimentos são realizados para fins específicos, como o vestibular e o Enem, ficando a leitura e a escrita em um lugar marginal. Na verdade, a literatura, a que Candido (2002, p. 82) atribui uma função humanizadora, "como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem", é vista na escola de forma inadequada. E a poesia que Morin (2014, p. 45) diz "que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana", não encontra bem o seu lugar na escola. O ensino volta-se para o mercado de trabalho e não inclui a dimensão reflexiva e poética do indivíduo. Daí o fracasso escolar proveniente de conteúdos repetitivos, fragmentados, excludentes, improdutivos, que atendem exclusivamente ao monopólio capitalista. Nesse modelo de ensino só há lugar para a poesia, para a fantasia, para a criatividade, para o Eros, se o professor subverter as regras.

Independentemente de suas temáticas que, muitas vezes, impelem aos conflitos por conta dos padrões sociais de cada época, a literatura é direito de todos, chamado por Candido (2011, p 188) de "bens incompressíveis". Esse pensamento de Candido (2002, p. 84) marcou os estudos de literatura e sua importância na vida psíquica:

> como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente (CANDIDO, 2002, p. 84).

Por não perceber a atuação que as obras literárias operam em nosso ser, a literatura entra no rol daquilo que, muitas vezes, é considerado inútil e que, portanto, pode ficar em segundo plano. Os textos literários indubitavelmente concedem ao leitor um saber transdisciplinar, que fortalece o pensamento complexo, defendido por Morin (2015). Percebemos que a carência no ensino e a má formação vem desde as séries iniciais. Segundo Pinheiro (2007, p. 31), "privar os alunos de uma experiência tão simples e tão salutar denuncia o descaso com a educação mais integral de nossos alunos. É preciso ir fazendo as coisas, mesmo que o entrave burocrático nos emperre criando dificuldades".

CC BY

A poesia agrega outros saberes, mantem uma relação transacional com outras áreas do conhecimento, que ativam o pensamento para uma reflexão do mundo, como escreve Merquior (1965, p. 154): "lírico como expressão da consciência reflexiva de uma emoção". Muitas vezes, sua face hermética pode estar vinculada aos temas, à linguagem e também a operações estruturais da própria poesia. Por serem muitos os estilos e as formas poéticas cultivadas é importante pensar em que tipo de poesia levar para a sala de aula. Pinheiro (2007, p. 20) nos adverte:

> é evidente que vale a pena trabalhar a poesia em sala de aula. Mas não qualquer poesia, nem de qualquer modo. Carecemos de critérios estéticos na escolha das obras ou na confecção de antologias. Não podemos cair no didatismo emburrecedor e no moralismo que sobrepõe à qualidade estética determinados valores.

As especificidades de cada poema exigem diferentes metodologias para a experiência com a poesia em sala de aula. Atividade que requer do professor inciativas mais ousadas, que levem o leitor a pensar na sua condição de sujeito indagativo e a mudar suas ideias. Nem sempre o professor se encontra disposto para propor a leitura de poesia, pois sabe que terá que romper com algumas práticas já engessadas, fugir do livro didático, adotar outras estratégias, que seduzam o leitor. "O ensino deve voltar a ser não apenas uma função, uma especialização, uma profissão, mas também uma tarefa de saúde pública: uma missão. Uma missão de transmissão. A transmissão exige, evidentemente, competência, mas também requer, além de uma técnica, uma arte" (MORIN, 2014, p. 101).

Admitindo o ensino como missão, vemos que a escola precisa empreender um estudo da poesia erótica, com sua linguagem eivada de símbolos e imagens. O fazer literário é uma atividade erótica que ocorre no universo da palavra, revestida de metáforas, que o leitor vai desvendá-las. Soares (1999, p. 35) chama de "consciência literária do erotismo e consciência erótica do literário". Para desvendar as metáforas, o leitor despe as palavras de suas significações ordinárias e dá a elas outros sentidos, pois "o poema incorpora o dinamismo da criação, o que permite diferentes leituras" (SOARES, 1999, p. 47). Todo o universo que permeia a poesia está erotizado, desde o ato de criar, que envolve a procura da palavra, num exercício de sair de si mesmo; passando pelo espaço do livro onde se encontra o corpo do texto à espera do leitor, pois "há um corpo a corpo com a concretude do objeto e com a materialidade do verbo. Texto e textura", escreve Kefalás (2012, p. 38); pela leitura, que envolve leitor e texto num espaço de fruição, de gozo, como bem lembra Barthes (2004, p.09); até chegar ao leitor, que adentra esse espaço e vivencia as sensações que o texto desperta. São situações que interligam a poesia e o erotismo.

Diante da ausência de poesia erótica em sala de aula, de sua exclusão dos livros didáticos e antologias, perguntamo-nos, como inseri-la nas atividades de leitura? Para levá-la para sala de aula, o professor deve fazer inicialmente uma seleção dos poemas. Mas antes, deve explicar o sentido do erotismo e desfazer qualquer ideia que apareça interligada à pornografia, obscenidade, imoralidade, para evitar possíveis constrangimentos da parte do docente e dos discentes. O erotismo deve ser entendido como um fenômeno essencialmente humano e que está vinculado à poesia, "o erotismo como fonte de realização estética", como lembra Soares (1999, p. 41).

Depois disso, o professor apresenta ao aluno as poesias que devem ser lidas durante todo o ano letivo, para que aluno adote como prática frequente. Cada leitura pode ser feita de modos diferentes. Lembra Pinheiro (2007, p. 21) que "bons poemas,

oferecidos constantemente (imaginamos pelo menos uma vez por semana), mesmo que para alunos refratários (por não estarem acostumados a esse tipo de prática), têm eficácia educativa insubstituível". A leitura deve levar os alunos à construção de sentidos do texto poético, ao que o professor deve ficar atento a essa condução nas diferentes interpretações que o texto suscita.

Mostramos nesse artigo a poesia de Gilka Machado, que inaugura na sociedade brasileira o pulsar do corpo em pleno processo desejante no início do século XX. O eu que fala é feminino e traz visibilidade e audibilidade para a mulher, vista até então como um corpo submisso, propício ao sexo somente para reprodução da espécie, sufocando toda e qualquer sensação libidinosa, porque à mulher não era permitido sentir desejo. Essa realidade opressora compromete a liberdade feminina e numa explosão lasciva suas palavras de desejo encontram o amado. Os anseios do eu poético feminino não são de realização, mas de perenização do desejo. Com essa poesia, Gilka instaura uma nova consciência do sujeito desejante, que busca não somente o corpo do amado, mas seu ser, "sentir-te e penetrar-te; / em toda hora, em toda parte, / gozar teu ser" (1991, p, 159).

O erotismo na poesia de Gilka tem natureza transcendente, está centrado numa base platônica, embora em alguns poemas seja patente a voluptuosidade do corpo. O eu poético idealiza o amado e realiza seu desejo nos elementos da natureza. Vejamos o poema *Volúpia* (1991, p. 164).

> Na plena solidão de um amplo descampado,
> penso em ti e que tu pensas em mim suponho;
> tenho toda afeição de um arbusto isolado,
> abstrato o olhar, entregue à delícia de um sonho.
>
> O Vento, sob o céu de brumas carregado,
> passa, ora langoroso, ora forte, medonho!
> e tanto penso em ti, ó meu ausente amado!
> que te sinto no Vento e a ele, feliz, me exponho
>
> Com carícias brutais e com carícias mansas,
> cuido que tu me vens, julgo-me toda nua...
> – Sou árvore a oscilar, meus cabelos são franças...
>
> E não podes saber do meu gozo violento,
> quando me fico assim, neste ermo, toda nua,
> completamente exposta à Volúpia do Vento!

Para vivenciar esse estado erótico, o eu poético pensa no amado e sente-o no vento. Há uma erotização do vento, grafado com maiúscula, representando o amado ausente. A realização erótica acontece na exposição do seu corpo nu para as carícias do vento voluptuoso e para o prazer intenso, sentido no "gozo violento". Pensar já é desejar. E nesse estado de desejo vive o eu poético, que realiza seus ímpetos voluptuosos sem a presença do amado, bastando desenvolver uma atmosfera onírica.

Apresentamos também dentro do nosso campo de estudo a poesia de Aíla Sampaio cujo erotismo tem uma natureza filosófico-amorosa. Vemos quantas coisas podem ser exploradas em sua poesia no campo estético, estilístico e filosófico. Eis o poema *Teia* (2012, p.88).

> Eu vi quando teus olhos
> escreveram teu nome em minha alma;
> vi a trama desse amor fazer-se com calma

quando teus dedos imprimiram carícias
em meu corpo
antes mesmo que me tocasses.

Senti de longe teu cheiro de romãs colhidas
espalhar-se por todos os meus vãos
e, qual casa desabitada,
permaneci em silêncio,
enquanto escancaravas as minhas portas
e entravas corpo adentro
para em minha alma fazer morada.

A poetisa cearense constrói uma cena amorosa por meio de metáforas e imagens, que tem no centro a força dos sentidos. São os olhos que escrevem; os dedos que acariciam; o cheiro que se espalha; o silenciamento que permanece. A casa é uma metáfora do corpo que logo será habitado, portas escancaradas, corpo adentro a se fazer morada. O eu poético une corpo e alma nessa trama amorosa, que é fusão do ato erótico.

Ainda como estudo da temática erótica de autoria feminina, temos a poesia de Elisa Lucinda e de Luiza Sampaio, duas poetisas e atrizes de pensamento crítico e sensibilidade poética, que nos tocam profundamente e nos mobilizam para o tempo de agora. A natureza desse erotismo é força reativa, que espera de nós um olhar de atitude. A violação que está no domínio do erotismo é o que impulsiona as poetisas para uma *poiesis* que mostra a nossa existência. O erotismo tecido em seus versos nos chama a atenção pela linguagem, sem muita sutileza, mas não menos poética. Há um erotismo que nos une ao universo, ao que está em nós e no outro.

No poema *Na Salada da noite,* de Elisa Lucinda (2016), encontramos um eu poético livre, se permitindo provar novas experiências.

Eu te amo
entre chicória e feijão-fradinho
(...)
Beijo a torre de sua igreja,
subo no seu tronco,
minha viril árvore
(...)
Eu arrisco, meu petisco,
Escuto teu verbo
mesmo quando arisco
(...)
Meu corpo, meu peito
minha xoxota, meu cu,
eu te amo entre chuchus.
Eu te amo
em pepino, cebola, ameixa
e alface.
Amo em nós
o amor sem disfarce.

Elisa Lucinda a partir do título *Na Salada da noite* anuncia que tudo é possível viver na salada/calada da noite. O espaço da cozinha é ocupado pelos desejos, como em "eu te amo em pepino, cebola, ameixa e alface". A referência à torre da igreja radicaliza com os preceitos religiosos que encontram no sexo algo pecaminoso. A torre da igreja, o

tronco e a viril árvore são representações fálicas. A salada é a possibilidade de experimentar as diferentes relações sexuais, como em "meu corpo, meu peito, minha xoxota, meu cu". Falar do corpo ou de partes dele nem sempre é um discurso fácil de ser elaborado. Ao ler uma poesia erótica que traz à tona o sexo, temos a porta de entrada para discutir em sala de aula questões ainda tabus.

Na poesia de Luiza Romão encontramos um estilo que radicaliza com a linguagem, com os temas, com as estruturas frasais. Sua poesia é um manifesto que protesta sobre a posição da mulher na sociedade, seu corpo sendo subjugado, voz sufocada, mãos atadas, face sem identificação. "Luiza escreve e intervém hoje, sobre hoje. Atua com força e também com disfarçada delicadeza", escreve Heloisa Buarque de Hollanda no prefácio do livro *Sangria* de Luiza Romão, publicado em 2017. Leiamos o poema *DIA 09. MENSTRUAÇÃO:*

quando virei mocinha
não teve luxo
não teve pompa
só as trompas
anunciando sangue
"será vermelho teu caminho
pisado quando roxo
sempre novo
mês a mês
por entre pernas
escorrerão as partes"

então vieram os modes
as modas os modos
de cruzar os pés
maquiar a boca
calar palavra
"mocinha diz sempre pelo avesso
faz ciúmes esconde jogo
olhar oblíquo atrás do moço"
(nem ouço, ouso)

"conselho dobrado no sutiã
santo virado pra baixo"
pra mocinha não levo jeito
falta mão
sou seios livres
sem fotodepilação

dos saltos
só conheço os que fazem voar
tenho fúria muita
e infâmia sem pesar

quando virei mocinha
me queriam abas
patas-fincadas
mas sou ave rapina
do anjo
roubei as asas

Luiza Romão nos coloca diante de uma poesia impactante, causando-nos sensações variadas e levando-nos a pensar nos moldes de vida que impuseram à mulher. A menstruação aparece como sinal de ordem sobre seu corpo e seus desejos. Sua poesia permite ao leitor mergulhar na condição de vida da mulher e de tudo aquilo que a cultura lhe reservou pelo simples fato de ser mulher. A poesia anuncia um olhar diferente sobre a sexualidade feminina, mostrando um eu poético que se recusa a ouvir os conselhos e ousa ser outra criatura, pois, "sou ave rapina/ do anjo/ roubei as asas". Seus versos são curtos, sonoros, afiados como lâminas, que nos cortam a carne. Esse é o sentido da poesia de Luiza Romão que desafia a história e conta outra história a partir do útero feminino.

O estudo da lírica erótica feminina, seja dessas poetisas, seja de outras, é desafiador, mas não é impossível de ser trabalhado em sala de aula, por meio de frequentes leituras, de rodas de conversa e de diferentes e prolongadas discussões que favoreçam uma abordagem reflexiva sobre uma das formas da nossa condição humana: a erótica. Vemos a sala de aula como um espaço dinâmico e provocativo, livre e acolhedor, onde o conhecimento potencialmente se constrói e se propaga de forma mais dialógica. Nesse ambiente, o professor pode discutir e intermediar as leituras em torno de temas pelos quais os mais diferentes sentidos são construídos, como é o caso da temática erótica. Tal tema inevitavelmente causa alguma repercussão perante os significados pejorativos que o termo suscita. No entanto, cabe fundamentalmente ao professor a iniciativa de introduzir outros roteiros de leitura, que provoquem no aluno a criticidade e a sensibilidade diante das exigências do mundo moderno.

A relação entre poesia e educação aponta para uma reforma do ensino, que pressupõe uma convivência diária com a poesia, gênero capaz de modificar, desde a mais tenra idade, as estruturas formativas do ser humano e de desenvolver sua dimensão poética, pelo poder da linguagem (cf. MORIN, 2014). Inserir o expediente poético no ensino exige uma dinâmica mais diversificada em torno de outras práticas metodológicas. Uma delas é desenvolver em sala de aula (metodologia que parece ser muito eficaz) a organização de antologias poéticas, como sugere Pinheiro (2007, p. 40):

> A confecção de antologia é uma saída limite. Em nossa experiência, ela nasceu da falta de obras adequadas e economicamente acessíveis. Embora o quadro tenha mudado um pouco, uma vez que temos hoje no mercado um número maior de obras com foco no jovem leitor, quando se pensa em livros de poemas, há ainda muitas lacunas.

É possível pensar quanto ao aspecto tipológico da antologia, que pode ser organizada por temáticas (por exemplo: amor, morte, erotismo, tempo, solidão, etc.), por autoras (antologia poética de Gilka Machado ou de Alice Ruiz), por escolas literárias (antologia poética simbolista, modernista ou ainda contemporânea), por épocas (antologia poética do século XIX ou do século XXI), por regiões e/ou estados (antologia poética nordestina ou antologia poética cearense), entre outros tipos, de modo que a carência do aluno seja atendida.

A organização da antologia coloca professor e aluno em sintonia com a leitura e a pesquisa para selecionar as poetisas e os poemas que mais lhes causem interesse. Esse recurso metodológico serve para complementar o ensino fragmentado que o livro didático oferece, suprimindo as lacunas provenientes da repetição dos conteúdos, e ainda para favorecer o trabalho do professor na interação com o aluno, que também participa da elaboração do material. A antologia poética torna manifesto muitas poetisas que vivem no anonimato ou no esquecimento e permite ao leitor um pensamento crítico e criativo, a partir das leituras e discussões que os poemas evocam.

CC BY

De posse da antologia, o professor poderá realizar na sala de aula diferentes formas de leitura e de estudo da poesia erótica, como a leitura individual, que promove diretamente o encontro do leitor com o texto, "o contato solitário com o poema em sala de aula (e em casa) tem valor educativo insubstituível" (PINHEIRO, 2007, p. 78). O contato com o texto é imprescindível para o crescimento do leitor. Sem ter vivido essa experiência, naturalmente se enfraquece o processo reflexivo que a leitura o faz experimentar, "a descoberta de algo que estava escondido em sua interioridade" (PINHEIRO, 2007, p. 78). O poema *Teia* (2012*)*, de Aila Sampaio, por exemplo, pode ser lido individual ou em grupo, com diferentes performances, que se associem a outras linguagens, como música, pintura, filmes, tematizando o amor (Eros) e a força dos sentidos.

A poesia erótica sob a rubrica feminina traz uma escrita de violação, de fuga, de esperança, de liberdade. Nessa escrita, há um processo de emancipação do sujeito feminino, (cf. SOARES, 1999), que fala de seu corpo como espaço dos afetos e morada do desejo, sem mais ser objetificado e livre para anunciar o que sente. A escrita de Eros é uma escrita que se revela sob os imperativos da liberdade do desejo e da fantasia, constituindo-se como identidade feminina. Vemos que ainda falta no atual ensino o abraço entre a poesia e a educação. Essa relação é sólida e sem ela não há como enfrentar os abismos de um ensino que corre o risco a todo instante de perder sua finalidade, que é a de desenvolver a inteligência crítica e a dimensão poética do indivíduo.

5. Considerações finais

Retomamos as questões que nos perseguiram durante a construção desse texto: o lugar da poesia de autoria feminina na escola e a presença da temática erótica como instrumento de formação do leitor. Sobre a primeira questão, o espaço de leitura na escola para a poesia feita por mulheres ainda é exíguo. Essa insuficiência é irritante quando se sabe claramente que esse expediente tem como pano de fundo o ranço do patriarcado. Não é a qualidade dos textos e nem a falta de publicação, mas tão somente seu sexo. Por conta desse ensino não abraçar a poesia de autoria feminina, causa-nos incômodo e, ao mesmo tempo, motiva-nos a discutir a inserção dessa poesia em sala de aula.

Quanto à outra questão, não consideramos inadequada a leitura de poesia erótica em sala de aula porque trata de algo que diz respeito a nossa condição humana. Somos seres que procuramos a realização de nossos desejos de várias formas. Não há nada de estranho em ler uma poesia que represente nossos sentimentos mais íntimos. Não ter acesso ao modo erótico-poético é privar o aluno de leituras que revelam a complexidade humana e ajudam a construir um pensamento multidimensional, como defende Morin (2015). Além de ser uma leitura formativa, a temática erótica concede à mulher o rompimento dos grilhões sociais. Ela escreve sobre um tema que foi o ponto chave de seu apagamento durante séculos. Ao manifestar seus desejos, ao colocar seu corpo aos comandos de Eros, a mulher se permitiu ver e ser vista a partir da ótica feminina. A poesia erótica de autoria feminina é transgressora e instauradora de uma *poiesis*, que se faz livre de repressões.

Todos nós professores e professoras somos convidados(as) a pensar numa reforma do ensino de literatura e que nela inclua a poesia erótica de autoria feminina. Nosso posicionamento é político, de enfrentamento, de mudança. Precisamos entender que dar ao aluno um conhecimento que lhe falta é um direito dele, ainda mais quando esse conhecimento é humanizador, "toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção" (CANDIDO, 2011, p. 179)

CC BY

Bem sabemos dos desafios. Mas se nós docentes mudarmos nossos hábitos, mesmo que seja um processo demorado e exigente, podemos reformar o ensino. Quando o professor oferece ao aluno um repertório de leitura diferente, em que ele se percebe, por meio da experiência estética como sujeito, ocorre uma mudança significativa tanto a nível do discente quanto do docente. Essa mudança é necessária.

A poesia não sendo objeto de interesse da escola, provavelmente não será do aluno, a não ser que ele já tenha adquirido a experiência de leitor de poesia em outro espaço. A escola que não trabalha a poesia presta um desserviço à comunidade discente, causando-lhe prejuízos irreparáveis na sua formação intelectual. Um ensino sem leitura literária é um ensino incompleto, cheio de fissuras, um arremedo de ensino. Não acreditamos em uma escola que não adote em suas práticas pedagógicas a literatura (a poesia) como instrumento de formação e transformação do pensamento crítico.

Negar à poesia seu lugar na escola é não usar da racionalidade com o propósito de amenizar a barbárie que continua entre os homens. Poesia erótica não é imoral. Como disse Oscar Wilde (2010, p. 9) no prefácio de seu livro *O retrato de Dorian Gray*, "Não existe isso de livros morais ou imorais. Livros são coisas bem escritas ou mal escritas. E só".

Referências

ALBERONI, Francesco. O *erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução*. São Paulo: Circulo do Livro S.A, 1986.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BATAILLE, Georges. *O erotismo.* Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L & PM, 1987.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e formação do homem.* In: Textos de Intervenção. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002.

_____. *O direito à literatura*. In: Vários Escritos. São Paulo: Editora 34 / Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

ELIOT, T. S. *De poesia e poetas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Prefácio*. In: ROMÃO, Luiza. *Sangria.* São Paulo: Editora Selo do Burro, 2017.

KEFALÁS, Eliana. *Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção formação de professores).

LUCINDA, Elisa. *Vozes guardadas*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

MACHADO, Gilka. *Poesias Completas.* Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial: FUNARJ, 1991.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do poema: ensaios de crítica e estética*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. 1965.

MORAES, Eliane Robert (org.). *Antologia da poesia erótica brasileira*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 21ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____. *Introdução ao pensamento complexo.* Tradução de Eliane Lisboa. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PAZ, Octávio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. *Signos em rotação*. Tradução Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.

_____. *Literatura e ensino: aspectos metodológicos e críticos.* Campina Grande: EDUFCG, 2014.

PLATÃO. *Diálogos. Mênon – Banquete – Fedro*. Tradução de Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1956.

ROCHA, Zeferino. *O desejo na Grécia Antiga*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

ROMÃO, Luiza. *Sangria.* São Paulo: Editora Selo do Burro, 2017.

SAMPAIO, Aíla. *De olhos entreabertos***.** Fortaleza: Littere Editora, 2012.

SOARES, Angélica. *A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. tradução de José Eduardo Ribeiro. São Paulo: Abril, 2010.

Recebido em 18 de outubro de 2018

Aceito em 21 de dezembro de 2018